

VISÃO DO CORREIO

Da crise bancária para a republicana

O caso do Banco Master deixou de ser um episódio restrito à regulação do sistema financeiro para se transformar num teste de estresse da institucionalidade brasileira. O risco maior, agora, não é sistêmico — contido pela intervenção e pela liquidação do banco —, mas institucional: a investigação sobre práticas temerárias e possíveis fraudes atribuídas ao banqueiro Daniel Vorcaro ganhou densidade política e jurídica suficiente para tensionar a fronteira entre regulação, fiscalização e julgamento. Esse é o ponto sensível. Quando o Supremo Tribunal Federal (STF) passa a ser percebido como parte do problema — por conflitos de interesses, decisões atípicas ou centralização excessiva —, a crise deixa de ser bancária e se torna republicana. É aqui que o caso Master se torna emblemático. As revelações sobre vínculos empresariais, contatos pessoais e decisões processuais concentradas, ainda que isoladamente possam não configurar ilícitos, produziram um cenário de conflito de interesses e aparência de parcialidade. E isso basta para contaminar a legitimidade das decisões. O Banco Central cumpriu, até aqui, o papel que se espera de uma autoridade monetária: conter danos, exigir capital, intervir tecnicamente e liquidar estruturas problemáticas. A fricção começou quando o controle judicial passou a se sobrepôr à institucionalidade econômico-financeira, com judicialização excessiva e decisões que reordenaram fluxos probatórios, ampliaram sigilos e concentraram poderes. Nesse contexto, tornou-se insustentável a permanência do ministro Dias Toffoli na relatoria do caso, agora substituído por André Mendonça. Não se trata de imputar crime sem prova, mas de preservar

a legitimidade do Supremo. Impedimento e suspeição são salvaguardas do processo, não juízos morais sobre pessoas. O afastamento do relator — ainda que acompanhado de uma nota corporativa que negue formalmente a suspeição — foi uma medida profilática necessária para estancar a crise e devolver previsibilidade ao sistema. A nota dos 10 ministros, ao reconhecer a validade dos atos praticados e, simultaneamente, promover a redistribuição da relatoria, revela a ambiguidade do momento: tenta preservar a imagem individual enquanto corrige o problema institucional. É pouco, mas é um passo. O essencial agora é garantir que a investigação da Polícia Federal avance sem amarras, sob supervisão isenta, e que o Supremo demonstre, na prática, compromisso com a verdade e, se necessário for, corte na própria carne. Não é um debate filosófico abstrato. O Brasil patina há anos no Índice de Percepção da Corrupção da Transparência Internacional, com 35 pontos e posição vexatória no ranking global. Rankings medem confiança — e confiança é variável econômica. Quando escândalos se acumulam e as respostas institucionais parecem defensivas, a sociedade naturaliza o desvio até que a corda arrebente, colocando em risco o próprio Estado Democrático de Direito. Instituições fortes não são as que se protegem quando pressionadas, mas as que se autocontêm, corrigem rumos e reforçam regras sem se preocupar com aplausos. É inacreditável que um escândalo bancário sem risco sistêmico possa provocar a erosão duradoura da credibilidade da mais alta Corte do país. Como advertia Stanislaw Ponte Preta, restaure-se a moralidade antes que seja tarde e todos se locupletem.

MARCOS PAULO LIMA
marcospaulo.df@cbnet.com.br

Carnaval, Ancelotti e a Copa

Em tempo de folia na contagem regressiva de 115 dias para o início do desfile do Brasil contra Marrocos, em 13 de junho, no MetLife Stadium, em New Jersey, proponho uma reflexão adaptada à crise da Seleção: o que foi feito do legado dos nossos “carnavalescos”, os técnicos do país capazes de levantar a “Sapucaí” com times inesquecíveis na passarela da Copa do Mundo? Vicente Feola (1958), Aymoré Moreira (1962), Mário Jorge Lobo Zagallo (1970), Carlos Alberto Parreira (1994) e Luiz Felipe Scolari (2002) procuram um sucessor. Nunca antes na história deste país nossa escola entrou na apoteose sob o comando de um diretor artístico estrangeiro. O competente italiano Carlo Ancelotti tem a missão de comandar a única escola de samba pentacampeã na América do Norte sem componentes à altura da imponente fantasia verde-amarela. Ele precisa incorporar um Joãozinho Trinta da vida. Transformar “lixo” em “luxo”, como no desfile da Beija-Flor em 1989, com o enredo *Ratos e Urubus, Larguem Minha Fantasia*. Ratos e urubus não queriam soltar a Amarelinha. Prejudicaram o ciclo da Seleção de 2023 a 2026. Resultado: o barracão verde-amarelo trabalha a toque de caixa. Mestre Carletto tem apenas mais uma convocação, em 16 de março, para costurar a agremiação antes da escolha dos 26 componentes em 19 de maio, no Rio. Os últimos testes serão contra a França e a Croácia. Dois ensaios longe da comunidade, em 26 e 31 de março, respectivamente, nas cidades de Boston e Orlando, nos Estados Unidos.

O maior espetáculo da bola está chegando, e os foliões não conhecem sequer o enredo (escalação) depois de um ciclo de crise na CBF marcado pela destituição do presidente Ednaldo Rodrigues e a ascensão de Samir Xaud. Houve quatro carnavalescos diferentes: Ramon Menezes, Fernando Diniz, Dorival Júnior e Carlo Ancelotti ocuparam o cargo. Todos com maneiras diferentes de dispor as alas em campo. Sim, vimos isso em outros carnavais. O ciclo do penta desandou. Começou com Vanderlei Luxemburgo, passou às mãos de Candinho, caiu no colo de Emerson Leão e terminou com o iluminado Luiz Felipe Scolari campeão na vitória por 2 x 0 contra a Alemanha. Há uma diferença! Naquela época, havia confete e serpentina. Ronaldo e Rivaldo no carro abre-alas, um passista nota 10 chamado Ronaldinho Gaúcho e o recuo da bateria coordenado pelos laterais Cafu e Roberto Carlos. Nostalgia. Mestre Ancelotti não desfruta de nada disso. A torcida é para que uma combinação de Joãozinho Trinta, Rosa Magalhães, Carlinhos de Jesus, Jamelão, Dona Zica, Cartola e outros semideuses do carnaval inspirem o italiano a injetar samba nos pés de Vinicius Junior, Raphinha, Rodrygo, Estêvão... O italiano irá à Sapucaí. Temos uma boa comissão de frente; uma velha-guarda liderada por Alisson e Casemiro; a bateria regida pelo mestre Bruno Guimarães para não atravessar o samba; uma ala das crianças promissora com Estêvão, Endrick, quem sabe, Rayan. O carnavalesco Ancelotti ainda espera pelo passista Neymar em busca do estandarte de ouro em 19 de julho.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Mudança climática

Todos estamos cientes que a poluição ambiental tem ocasionado uma mudança radical no clima do planeta, principalmente no Hemisfério Norte. No Hemisfério Sul, também temos sofrido muito. Muitas chuvas ou muito calor, os raios têm sido constantes. Esses fenômenos ocasionam muitos buracos nas pistas, que vão aumentando à medida que os carros vão passando. Os governos federal, estaduais e municipais sabem que isso acontece sempre e deveriam ter maior números de equipes para a tão esperada operação tapa-buracos, pois as crateras estão cada vez maiores e nossos carros não são preparados para enfrentar essas enormes cavidades nas pistas. Afinal, pagamos impostos para esse fim também e, principalmente, nesta época do ano.

» João Coelho Vítola
Asa Norte

Maioridade penal

Está novamente na pauta do Congresso brasileiro a polêmica discussão sobre maioridade penal. Ok, reduzir maioridade penal não garante diminuir a criminalidade. Mas os presídios também não. Nem por isso os presídios são extintos, na falta de alternativa mais eficaz e justa. Criminosos têm que pagar pelos seus crimes de alguma forma, indiscutivelmente. E não precisamos reinventar a roda. Vejamos como é a maioridade penal em alguns países. Na Europa, tem-se Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia com 15 anos; Rússia, Alemanha e Itália, 14 anos; França e Polônia, 13 anos; Inglaterra e Ucrânia, 10 anos; Escócia, 8 anos. Nas Américas, a média é de 16 a 18 anos, mas, nos EUA, a idade mínima é definida por cada estado (alguns a partir de 6 anos) e menores podem ser julgados como adultos, dependendo do crime. A refletir para a nossa realidade, atentando que os presídios não podem ser local de

recrutamento facilitado para facções. A busca de solução tem de ser bem ampla.

» Antônio Matoso Filho
Lago Norte

Carnaval

Boa parte dos brasileiros anteciparam, há cerca de duas semanas, o início do carnaval. Nas grandes capitais, como São Paulo e Rio de Janeiro, a festa de Momo começava de dia e se alongava pela noite. Cantores renomados e queridos pelos seus fãs atraíram milhares de foliões. As imagens transmitidas pelos canais de TV exibiram alegria dos brasileiros, animados com sambas e marchinhas quase sempre presentes em todos os carnavais. Que neste ano os brasileiros sejam mais felizes e tenham discernimento e façam a melhor escolha no período eleitoral. Ditadura nunca mais!

» Elvira Santos
Sobradinho

Programas sociais

Os programas sociais nos Estados Unidos, assim como no Brasil, concentram-se em assistência, alimentação, saúde e moradia para famílias de baixa renda. Entre os principais benefícios estão o SNAP (cupons de alimentos), o Medicaid (saúde), o WIC (nutrição para mulheres e crianças), o TANF (assistência temporária), o Section 8 (moradia) e o EITC (crédito tributário), que, juntos, atendem cerca de 85 milhões de estadunidenses. Sabe-se que Donald Trump prepara um corte significativo de verbas na área da saúde e transporte, motivado por divergências políticas, atingindo apenas estados governados por democratas, em uma clara demonstração de pequenez política. Minha percepção é a de que os maus exemplos de Trump serão seguidos à risca por candidatos da extrema-direita aqui caso sejam eleitos.

» Marcus Aurelio de Carvalho
Santos (SP)

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

“A vida não é medida pela quantidade de respirações, mas pelos momentos em que se perde o fôlego” (adágio do montanhismo)

Humberto Pellizzaro — Asa Norte

Essa história merece um filme: se meu resort falasse...

Abrahão F. do Nascimento — Água Claras

Que vergonha para o ministro Dias Toffoli! Deveria ter se julgado suspeito quando foi sorteado para relatar o caso tamborete master. Agora, Inês é morta! Só lhe resta uma saída um pouco menos constrangedora: pedir aposentadoria e sair à francesa.

Paulo Molina Prates — Asa Norte

É curioso como, no Judiciário, até o recuo vem embalado em solidariedade corporativa. A crise se aprofunda, o relator muda, mas a mensagem permanece a mesma: “nada a ver aqui, sigamos adiante”!

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

Os homens deveriam ter vergonha. O aumento de número de julgamentos devido ao crescimento dos casos de feminicídio revela quanto os machões são covardes.

Ana Luiza Lima

Donald Trump não é só um homem perverso, mas pretende ser um novo colonizador com atos violentos, como os de séculos passados. Invadiu a Venezuela e, agora, pretende fulminar os cubanos.

Eduardo Alves — Guará

Transporte no Entorno é uma vergonha. Tarifas caras e ônibus sucateados. E os governadores de Goiás e do DF não fazem nada! Aliás, o daqui só sabe fazer viadutos. Triste realidade!

Waldir Sousa — Taguatinga

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.			
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS 

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/
domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br